

## JOAQUIM RAMALHO ORTIGÃO



A morte d'este prestante e honrado homem representa para a colônia portugueza do Rio de Janeiro uma perda que ella só muito tarde e difficilmente reparará. Ramalho Ortigão, além de haver sido um trabalhador de cunho, era um talento intrepido, e um estudioso sagaz e cheio de magnificas aptidões. Os portuguezes do Rio tinham para assim deposto em suas mãos, depois da morte do conde de Mattosinhos, as insignias de chefe da colonia, que elle pela sua magnifica organização merecia. Ramalhão Ortigão deixa o seu nome vinculado ás mais bellas obras portuguezas da capital do imperio brasileiro : e os seus serviços á patria como que se podem contar pelos dias dos ultimos annos da sua vida.

Que repouse em paz.

## Por ahí...



A semana foi de trabalho rude, tanto para os reverendos ecclesiasticos como para os solipedes da companhia de Santo Amaro.

O publico visitou por igual os templos da capital e as *capellinhas* das circumvisinhanças d'Algés.

Encontrar um lugar vago na egreja era quasi tão difficil como en-

contrar um lugar devoluto nos carros americanos.

Antes de ir para o sermão de lagrimas, o prato mais forte da oratoria lithurgica, convinha dispôr o corpo e preparar o espirito com outros pratos, embora mais fracos, da culinaria nacional.

Antes de assistir á narrativa plangente d'essa tragedia onde o Martyr exgotou o calix da amargura, era coherente exgotar nas hortas alguns calices de torrejano ensanguentado de fusina.

Dahi, a concorrência enorme ás tascas da ribeira de Algés, precedendo a enorme concorrência aos officios de trevas nas matrizes da capital; e assim a trabalhadeira rude dos reverendos ecclesiasticos, acarretando almas para o ceu aos empuxões de rhetorica espiritual, e o trabalho não menos rude dos solipedes, acarretando corpos para Algés aos esticões esforço corporal.



E não se supponha contudo que, tanto a concorrência á petisqueira obrigada a pescadinhas de rabo na bocca para o concurso ao sermão obrigado a lagrima no olho, fossem coisas que saissen extremamente baratas aos afficionados.

Pelo contrario. As exigencias do jeum, aggravadas pela exiguidade da pesca, fizeram com que, não só as pescadinhas como todos os seus concidatios sub-marinos, subissem de cotação no mercado da ribeira Nova como os nossos fundos — *nossos* é um modo de dizer — teem subido nas bolsas estrangeiras.

Isto, emquanto ás pescadinhas nas tascas de fora de portas.

Emquanto aos sermões de lagrimas nas freguezias de Lisboa o preço nem por isso era mais convidativo — apesar da lagrima ser livre e dever portanto ser barata, visto como da liberdade do commercio é que resulta o natural barateamento da mercadoria.



Pois não, senhores!

A lagrima esteve como vulgarmente se diz pelas ruas da amargura e felizes dos que poderam obtel-a á razão de 15 réis o selami — que é o preço ordinario da castanha, em annos de ouriços bem carregados.

Expliquemos a razão d'esta carestia inopinada, que veio collocar a lagrima quasi que ao nivel commercial da agua vendida pela companhia do ex.º dr. Pinto Coelho — um roubo!

Para verter a lagrima, n'um sermão de lagrimas, está claro que a primeira necessidade, a inadiavel, é ouvir o sermão.

E, para ouvir o sermão, claro tambem está que coisa indispensavel é entrar na egreja — pelo menos emquanto os sacros oradores não assentarem em fallar pelo telephone para casa dos fics. Dos fics, das fics... e das infics.

Ora aqui, precisamente, é que torce a porca o rabo...

Entrar na egreja entram até todos os cães — quando encontram a porta aberta — mas outro tanto não succedeu aos fics, na semana de Endoenças que correu.

N'esses dias, para entrar na egreja como os cães, era preciso pelo menos *pregar cão* logo á porta da egreja.



Expliquemos:

Em todas as egrejas da capital, mal uma pessoa puz a pé dentro dos limites do guarda-vento, era immediatamente assaltada por um garrido bando — muito mais garrido de que o proprio bando dos toiros — um garrido bando de gentilissimas senhoras, as quaes, estendendo-nós a dextra — sobre a qual nós dariamos a vida para depôr um beijo — nos convidavam a que deposessemos, não o beijo dos nossos sonhos, mas uns simples cobres da nossa bolsa.

Aqui pedia-se para o asylo dos cegos; alli para o albergue dos surdos; acolá para o collegio dos mudos; aquem para o monte-pio dos invalidos; alem para o hospital dos leprosos.

E as gentis mendicantes, por conta alheia, rodeavam-nos sollicitas, em phrases lastimosas e pedidos lamurientos capazes de envergonhar o tirocinio secular dos proprios invalidos e aleijadinhos, e tanto nos apertavam no circulo dos seus rogos — estreito como a aduella dos seus graciosos braços — que sempre um *toirão* nós sahia da bolsa ao impulso generoso d'aquellas almas candidas com a mesma sinceridade espontanea com que um dente nos sae da bocca ao impulso avantajado d'um dentista da praça publica!



A um tostão por cabeça de senhora, contando a media de seis senhoras por cada uma das cento e cinquenta igrejas em que Lisboa festejou a Semana Santa, aqui temos nós a conta redonda de vinte libras, quantia mais de que sufficiente para uma pessoa ir passar a Semana Santa a Sevilha, mesmo sem comboio de ida e volta a preços reduzidos...



Com a explosão da rhetoria sagrada coincidiu a abstenção da rhetorica parlamentar.

Emquanto a lingua sagrada dos priores se desenferujava n'um oceano de latim, a lingua profana da opposição parlamentar via-se grega para se conter nos limites da ordem a que a forçava uma semana toda de abstinencia, tanto de lingua com cebolinhas como de lingua com rhetorica.

Assim como houve reverendos padres a quem a lingua mal chegou para as encommendas durante o periodo da semana santa, assim tambem houve illustres parlamentares a quem a lingua chegou a crear sarro pela falta de exercicio durante esse tempo santo, que foi para elles de todos os demonios.

Felizmente esse tempo passou, o que para s. ex. quer dizer que já lá vae o mau tempo — e a má lingua.



A proposito de má lingua notifiquemos o apparecimento da *Má lingua de Beldemonio*.

Propõe-se a nova publicação preencher uma lacuna do nosso jornalismo, o que é como quem diz tapar um buraco da litteratura portugueza.

Pois tape isso á respeitavel matrona, que muito gosto nos dará a todos.

Um bocadinho de *má lingua* é coisa que sempre agrada, ainda aos menos gulosos d'esse prato, e muito mais agrada quando uma pessoa não tenha de fazel-a por conta propria, visto como pôde já mercal-a cosinhada e á lista, como os petiscos dos restaurantes.



A historia theatral d'este mez, uma das mais providas da presente epocha em primeiras representações de primeira qualidade, vae fechar com a mesma chave com que Bucage fechava os seus sonetos: chave de oiro — e naturalmente oiro do **103**, que é o melhor que por ahí se encontra.

Na noite de 30, que é a proxima terça-feira, realiza-se no theatro do Principe Real e com a primeira representação de *da Tesi*, a festa artistica de Amelia Vieira, aquella excellente actriz e aquella sympathico character que tem uma historia de rosas e uma historia de martyrios na vida do palco e na vida de familia e a quem o publico dispensa sempre as suas manifestações de agrado, reservando o melhor d'essas manifestações para o momento official.

Ora o momento official d'este anno é ás 8 1/4 da noite de 30, no theatro do Principe Real.

Noite de grande gala.

E, pela nossa parte, nem disp-nsamos o beijamão!

*João de Deus*

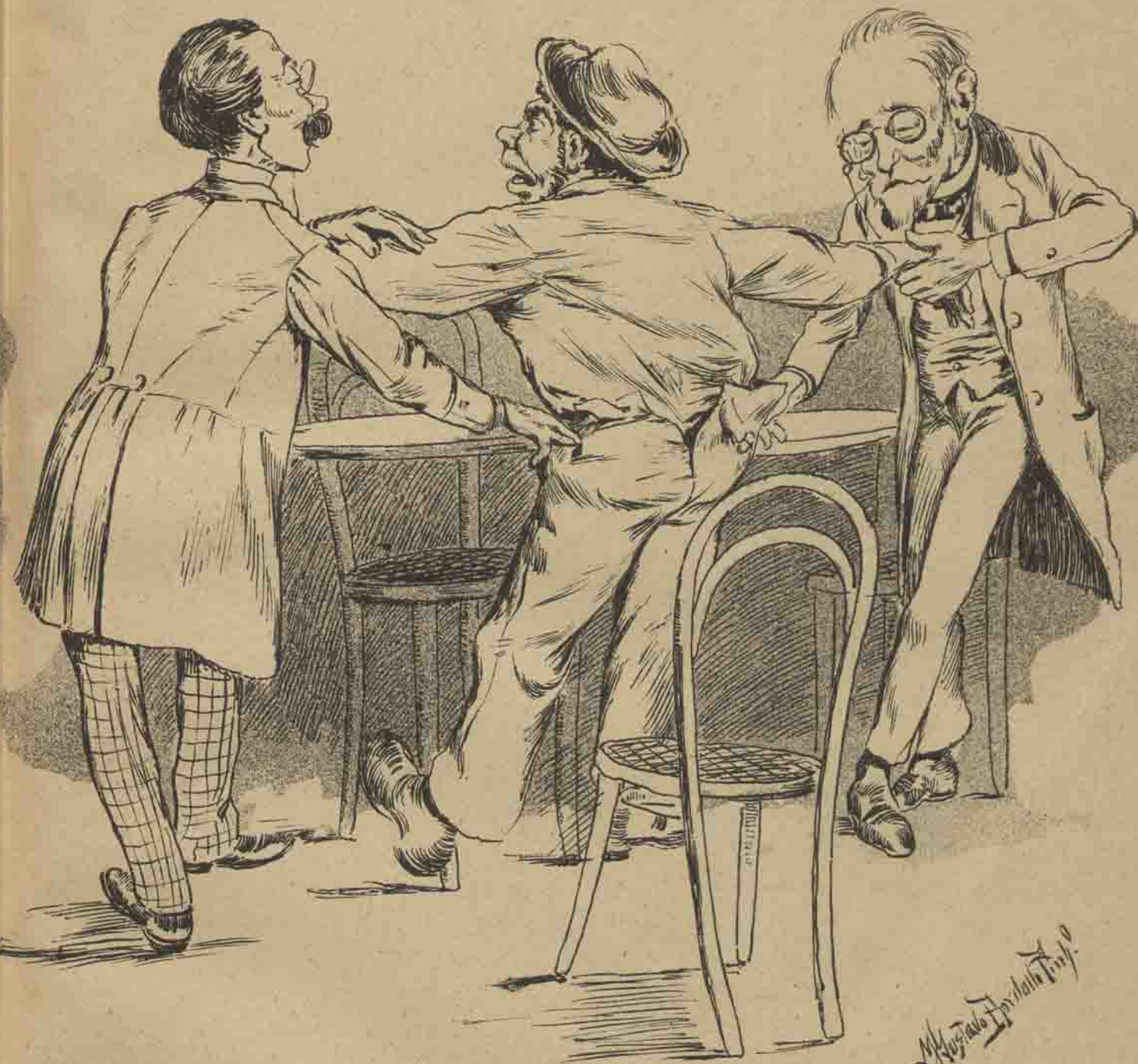
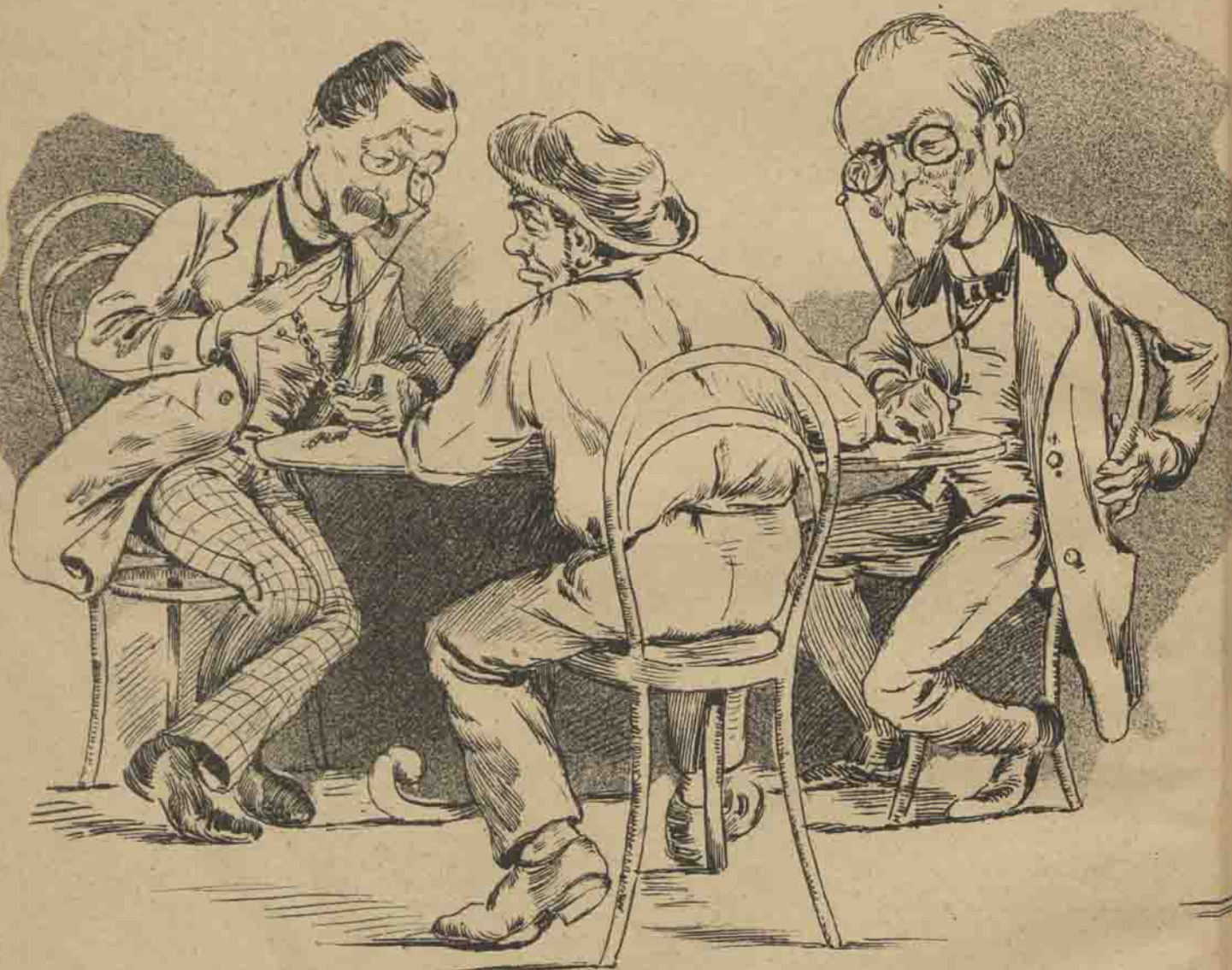
## O DISCURSO DE PINHEIRO CHAGAS



A apreciação politica do discurso de Pinheiro Chagas faz lembrar o episodio comico dos fantoches de Holden no *restaurant*. Os politicos engalfinham-se no discurso e com tão boa vontade pucham por elle que o separam em duas metades. Os do governo só querem vêr a metade ôcca. Aos da opposição vão-se-lhe os olhos nos contornos elegantes e bem aprumados... do outro lado.



# ENTRE DOIS FOGOS



Albuquerque Maranhão

— O cordão que eu te vendo é oiro puro.  
— Deixa fallar, amigo Zé; é de latão! Agora oiro de lei, este cordão...  
(Zé Povinho consigo :)  
— Hum! pôde ser. Mas não é com cordões d'oiro d'esta qualidade que vocês amarram os papagaios lá de S. Bento.

— Vocês tanto me pucham pelo fato, que ainda vem a assistir ao romper da lua. Pois acatelem-se, que a folhinha dá vento...



## De raspão...



Com a morte do José Macaco fica consideravelmente desfalcada a lista dos homens bem intencionados em Portugal.

José Macaco era não sómente um pictoresco, mas também o representante, o typo, d'esse grupo d'individuos, hoje microscopico, que fazem o bem pelo bem, sem por isso pedir aos contemporaneos mais do que uma pouca de estima, e um *cache-nez* pr'a salvaterio das constipações. Conheceram-no todos: uns pessoalmente, outros por tradição — e o resto por luxo, mais ou menos fingia ter privado com elle, e conhecer a sua fealdade, e haver provado da sua lamproia ensopada, na pequenina casa de jantar do Paço do Conde, aonde tantos bachareis teem cabritado a sebenta indigesta das aulas, mercê das propriedades emeticas que ainda hoje, apczar das falsificações, o vinho tem, por fortuna nossa.

Foi moda chamar-lhe feio, porque tendo aquella cara de cão de fyança (pretexto para umas ventas abertas e para uma barba em passa-piolho) em vez de ter nascido vencido da vida, nascera creado.

De contrario, estamos certos de que havia ser celebrada a sua gentileza, no *cahier mondain* de todos os sachristas do *high-life*, a par da do dr. Ignacio e da do formosissimo Charles Pons, cuja irresistivel figura já levou ao suicidio duas ou tres grozas de sopeiras. José Macaco era mais do que um creado de hotel, mais do que um avô condescendente e do que um anjo da caridade para os estudantes estroinas e sem dinheiro. Elle foi durante quarenta annos, na intellectueira de Coimbra, uma especie de grande oraculo, que os cathedrauticos da Universidade iam consultar sobre questões especiaes das suas cadeiras, e um espirito critico de tal sanha e tão ardilosa e orientada philosophia, que á inspiração d'elle se devem todas as grandes revoluções litterarias de Coimbra, desde os insubmissos do tempo d'Antero e Theophilo, até aos insubmexidos do tempo d'Eugenio e de Bastos. A posteridade exprobrar-lhe-ha talvez o facto d'esta sua ultima renovação mental não haver sido fecunda, como a primeira, em grandes livros e grandes homens; não faltando quem attribua o insuccesso a uma idiotia do mestre, quando talvez o caso se podesse explicar por falta de momentos lucidos nos discipulos.

Pobre José Macaco! A modestia da sua vida serviria d'exemplo á de tantos que ahí pavoneam talentos apenas phantasiados, e a sua isempção das grandezas, deveria ter inspirado ao dr. Laranjo e ao padre Chaves, outra compostura de porte — que não ir o primeiro todas as noites ao bacalhau com grellos da Tia Leonarda (Rua do Carvalho) e vestir-se o segundo de lavradeira em todos os carnavaes, só para mostrar as pernas ás senhoras das suas relações, em Condeixa e S. Martinho do Bispo.



Noticiaram os jornaes que a senhora duqueza de Bragança, aia de N. S. das Dôres de Belem, não poudé ir vestir fatos domingueiros á rainha do ceu, como é tradição, na segunda feira da Semana Santa, e que por este motivo esteve N. S. para não ir ao enterro do seu bemdito filho, em Sexta Feira de Paixão. Este facto, inoffensivo na apparencia, ganha todavia importancia, sob o ponto de vista das Nossas Senhoras de que deviam fazer uso as irmandades. Se para os outros enterros ninguem valer á sacrosanta imagem, correndo a vestir-lhe a tunica e o manto roçagante, o povo de Belem verá extinguir-se uma solemnidade religiosa que muito o commove, e os apaixonados de côr local passarão pelo desgosto de vêr perdida mais esta poetica tradição. Aconselho por tanto aos irmãos de N. S. das Dôres de Belem a vantagem de se proverem d'uma rainha dos ceus que se vista por suas proprias mãos, e sem por fórma alguma incommodar as princezas terrenas da visinhança, a maior parte dos quaes também nem vestir-se sabe.

Verdade é que uma N. S. assim, talvez trouxesse á irmandade o ferro de se não prestar á passeata funebre, aos hombros dos carollas, pela rua Direita de Belem acima, e pela calçada da Ajuda abaixo.



N'um jornal santareno li uns versos *à clef*, que não exito um instante em transcrever, tão deliciosamente impressionistas me pareceram.

*«Eu via-a junto do cone  
da araucaria do meio,  
bonita, TOUTE MIGNONE,  
no domingo, no passeio*

*é percebi, d'uma vez  
sem causar-me grande abalo,  
porque os tenentes do tres  
passeiam tanto a cavallo.»*

E' maravilhoso, hein? como paysage, como psychologia e como estudo de humor. O leitor compenetre-se... é um domingo, no passeio publico de Santarem, ao pé do cone da araucaria do meio. E ella bonita, toda *mignone*, n'um d'estes dias de crise fataes na existencia de todas as senhoras, deixa talvez cahir d'entre as frescas baptistes, uma gottinha de purpura, sobre a areia branca da alameda. N'isto ouve-se um tropel de cavalleiros... são os tenentes do tres... Hum! o poeta já percebeu (sem lhe causar grande abalo, seja dito) porque é que estes maganões passciam tanto a cavallo!

E os tenentes apeiam-se á porta do passeio, avançam em linha, dirigem-se ao cone da araucaria do meio, e bispando a gottinha de sangue, deitam a correr para ella, com o dedo molhado em cuspo...

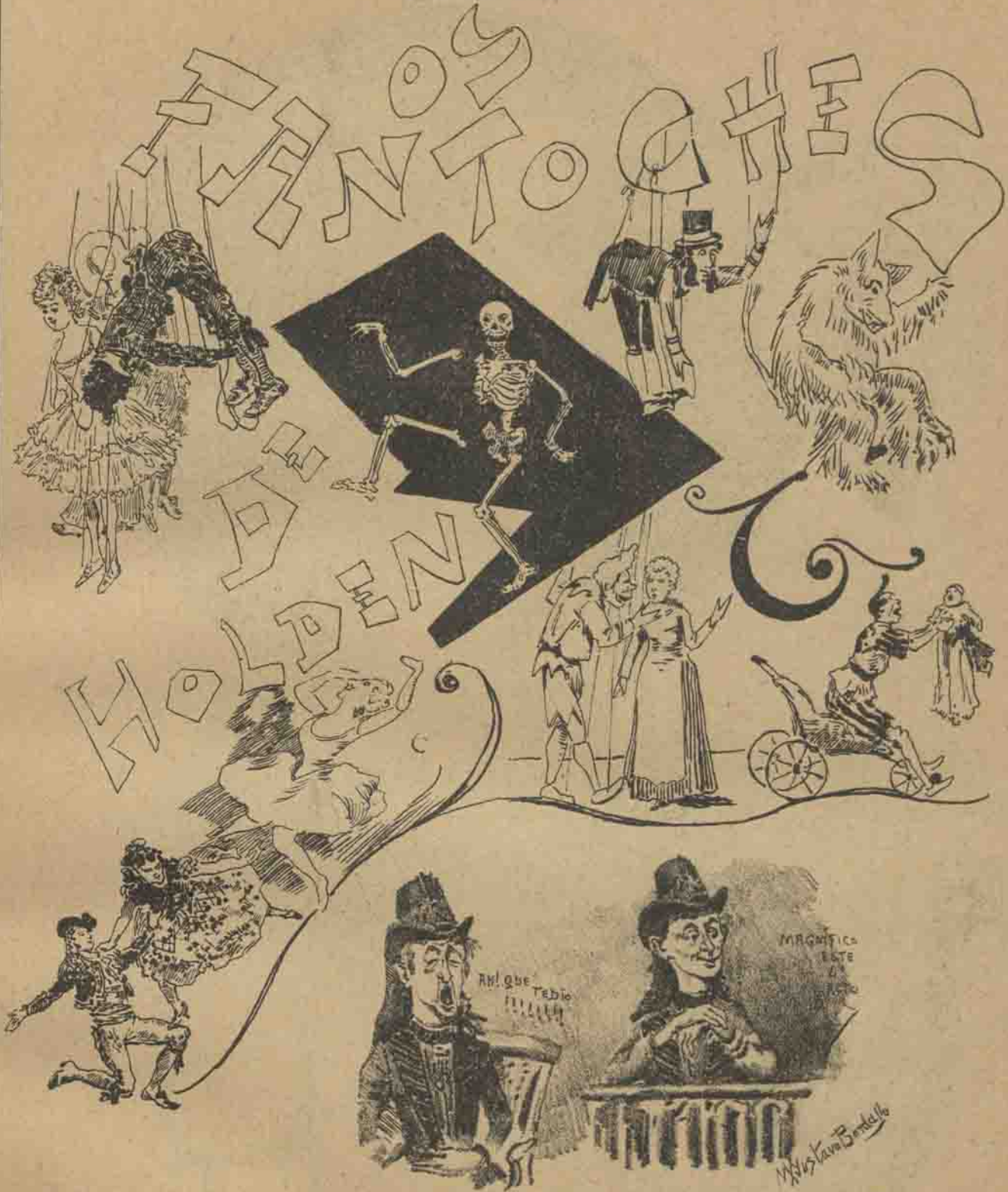
— Olha, uma obreia!

Parece que obreias d'estas, em Santarem se estão tornando objectos d'arte. Além de raras, caras! Não ha hoje em Santarem tenente algum, que não seja capaz d'offerecer as divisas por uma... caixa.

IRKAN.



# COLYSEU



A menina Laura, de 8 annos, moradora na rua dos Fancos, bocejando medonhamente em presença das faccias engraçadas dos *fantoques*.

A mesma menina, extasiando-se, perante as scenas delirantemente sentimentaes da *Dama das Camélias*. Precocidade indigena e intuição da arte, exemplificada diariamente nos annuncios amorosos do *Diario de Noticias*. Observado do natural.

Os *fantoques* de Holden dão sobre a scena uma tal illusão de realidade, que por vezes se nos afigura estarmos assistindo a representações com verdadeiros actores, ao contrario do que nos succede em alguns theatros de declamação, cujas recitas parecem dadas por verdadeiros *fantoques*. Sendo aliaz uma diversão para creanças, coisa singular! os *fantoques de Holden* só fazem rir as pessoas adultas e os pequenos tomam-nos a serio, e parecem consideral-os como d'equal para equal.

Entre as figurinhas ha algumas de vordadeira elegancia, sobre que os espectadores pozeram logo o dedo, percebendo o modelo a que este ou aquelle vencido da vida tem ido copiar as suas poses.



## AS DELICIAS DE CAPUA



— Estás lá, ou és de gesso?

— Sou de gesso, sou... gesso de preza, que endurece tanto mais, quanto mais vocês o irrigarem com a agua choca das suas reclamações. Eh! Eh! Colei á pasta o sitio aonde as aggressões de vocês poderiam fazer-me alguma mozza, e d'aqui tenho estado a ouvir o sino das Chagas — que me parece que ainda d'esta vez não dobra a finados. O diabo é o calorsinho que me vem ás vezes ao ponto vulneravel. Isto se não é o hemorroidal, é por força o mariola do Ennes a fazer fogueirinhas com o *Dia*. Mas dizem que filho prodigo á casa torna!...